

EDUCAÇÃO E CAOS DIALÉCTICO EDUCACIONAL

- O FUTURO PASSADO-PRESENTE -

«Ao admitirmos a nossa falta de conhecimento, abrimos a porta para a busca da sabedoria. A humildade intelectual é o solo fértil onde cresce o verdadeiro discernimento». (Epicteto)

A História, o saber histórico e o *continuum* do tempo e do espaço, à mistura com diacronia e sincronia, conjuntura e estrutura, convergência e divergência, mais a acção do Homem é que nos permite conhecer o passado, compreender o presente e prever o futuro.

A História, ciência social e humana, pedra angular das humanidades, está muito para além da nossa memória colectiva, sendo a dialéctica humana individual e global societal em construção inacabada, com muitas lições para ensinar-aprender – assim nos ensina o primado da axiologia e a História da Educação –

O tempo histórico é o tempo humano de afirmação da memorização, construção e *dignitas* (do latim, *dignus*, digno, valioso, adequado, compatível com os propósitos) da pessoa humana. Melhorar a educação, a civilidade e a civilização *homo* passa por todos nós. A educação significa conhecimento acumulado, ensino transmitido e partilhado, ordem, disciplina e valores; o seu contrário é o caos. Nesta nossa reflexão vamos visitar a História, no sentido da conduta dos homens, neste tempo de sobressaltos, devaneios e barbárie escolar humana, de instrumentalização e tortura intelectual. Vivemos no tempo pós-moderno da modernidade contemporânea, tendencialmente de renascença-modernização conflitual, de adopção e exclusão maniqueica-dicotómica da parte pelas partes – um tempo de negação humanista, afirmação da máquina digital IA Gen, de conflitualidade com o Outro, de flagelo-curvatura e tortuosidade da alteridade –

Quando falamos de tempo tratamos da temporalidade histórica que pode ser cíclica (de ciclo histórico) ou linear (do efémero conjuntural, de orientação axiológica, para os valores e mentalidades); de confrontação passado-presente, de dissonância entre tradição e progresso, em nome de um futuro, de inevitável comparação-confronto entre antigo e moderno – reacção e progresso; reaccionários passadistas e progressistas ficcionistas, em coloração da vida-utopia – em alegada constatação-argumento de uma decadência verificada pelo contraditório do progresso, da técnica, evolução e mudança – desenvolvimento *versus* subdesenvolvimento – as tonalidades-pigmentação do conflito latente relativo à orientação do tempo da/na História: falamos de periodização, de inovação, de conservadorismo, de descoberta e revolução,

das ideologias e da propaganda *ad momentum*, e da divisão-ambiguidade entre intelectuais.

Em ambos os casos, dize-proferimos erudição humana: do saber, sabedoria e conhecimento humanos – conhecimento(s) acumulado(s) e novidade-mudança *homo*-tecno-inovadora do conhecimento, da descoberta, da síntese do saber total humano e da massa encefálica, em afirmação sobre o silício «emergoponente»; (nova expressão, do silício emergente e oponente ao carbono, em decadência; como o outono e o cair da folha, o *homo sapiens* vai sendo despido em camadas de inteligência artificial, subalternizado, existencial, não mais liderante); porque vemos o perigo, dizemos não, não e não –

O par-conceito antigo/moderno é comum no mundo ocidental e noutras civilizações; nasceu e desenvolveu-se num contexto flexíloquo (do latim, *flexiloquus*, ambíguo, enigmático, anfibológico; relativo a falácia, de confusão e complicação). «A oposição antigo/moderno desenvolveu-se num contexto equívoco e complexo. Em primeiro lugar, porque cada um dos termos e correspondentes conceitos nem sempre se opuseram um ao outro: “antigo” pode ser substituído por “tradicional” e moderno, por “recente” ou “novo” e, em seguida, porque qualquer um dos dois pode ser acompanhado de conotações laudatórias [de crítica apológica], pejorativas ou neutras». (Enciclopédia Einaudi, Memória-História, Vol.1, Antigo/Moderno, Jacques Le Goff, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p.370)

A escola portuguesa vive hoje em dia uma conflitualidade-deriva confrontacional no epicentro dos seus profissionais docentes. A escravidão-submissão do Homem à máquina, em contexto escolar, vai consumindo o papel do professor na sala de aula, e há que (re)encontrar o ponto de equilíbrio. Se é vintage-retro está na moda, é intemporal, fazendo parte dos alicerces da humanidade de carne e osso, e não a(s) metamorfose(s) cibernética(s), do humano-ciborgue humanóide – caminhando o futuro para a junção das partes, e nunca por nunca a eliminação crescente da dimensão humana do ecossistema educativo e do paradigma educacional do puro *homo* – «(...) a modernidade pode camuflar-se ou exprimir-se sob as cores do passado, (...) uma característica das “renascenças” (...). A moda retro é hoje uma das componentes da modernidade. Neste par [antigo/moderno] o principal problema está do lado do “moderno” (...). O pôr em jogo do antagonismo antigo/moderno é constituído pela atitude dos indivíduos, das sociedades e das épocas perante o passado, o seu passado. Nas sociedades ditas tradicionais, a Antiguidade tem um valor seguro; os Antigos dominam, como velhos depositários da memória colectiva, garantes da autenticidade e da propriedade». (*idem*, p.371)

Donde, a gerontocracia educacional (nova expressão lexical docente, de nossa lavra, nossa, humana) ser uma autoridade professoral-discente em si mesma e

por si mesma, de natureza e naturalidade pedagógico-didáctica, consubstanciada na antiguidade consuetudinária sistémica educativa – da experiência costumada experimentada e ao encontro de «géron», palavra grega para «velho», e do termo grego «géras», honra; honrar o que é velho e tem experiência; que sabe, e muito, «da coisa» do *educare* – que percebe por força-realidade factual do experimento.

«(...) Na metáfora das idades da vida [escolar], o “antigo” participa assim, da ambiguidade dum conceito que oscila entre sabedoria e senilidade (...) mas o par [inovação-mudança de paradigma modelar escolar] e o seu jogo dialéctico é gerado por “moderno” e a consciência da modernidade nasce do sentimento de ruptura com o passado. (...) O estudo do par antigo/moderno passa pela análise dum momento histórico que segrega a ideia de “modernidade” e, ao mesmo tempo, a cria, para denegrir ou exaltar – ou simplesmente, para distinguir e afastar – uma “antiguidade”, pois que tanto se destaca uma “modernidade” [padrão, cânone] para a promover como para a vilipendiar». (ibidem, pp.371-372)

Continuando em modo analítico-académico de abstracção, adaptação e aplicação à educação, o termo «modernidade» foi criado por Baudelaire no artigo «Le peintre de la vie moderne» – o pintor da vida moderna – escrito em 1860 e publicado em 1863; sendo que «moderno» é interpretado no sentido-facto de «ser do presente», de estar na moda, com pinceladas relativas ao comportamento-tendência, de uso e costume em afirmação crescente.

«Analisemos alguns exemplos que ilustram a transformação do par antigo/moderno. Sem minimizar o carácter relativamente arbitrário desta enumeração, distinguir-se-ão três tipos de modernização: a) a modernização equilibrada, em que o êxito da penetração do “moderno” não destruiu os valores do “antigo”; b) a modernização conflitual que, atingindo apenas uma parte da sociedade, ao tender para o “moderno”, criou conflitos graves com as tradições antigas [é o cenário-escola da escola pública portuguesa presentemente]; c) a modernização por tentativas que, sob diversas formas, procura conciliar “moderno” e “antigo” [o caminho a trilhar na escola alomórfica actual], não através dum novo equilíbrio geral, mas por tentativas parciais». (*ibid.*, p.382)

Donde, a não escolha e agressão intelectual tutelar-docente de modernização conflitual opcional, ser rejeitada enquanto antípoda da paulatinidade, com autoritarismo autocrático-despótico, que tem vindo a vingar ministerialmente nas políticas educativas de imposição profissional-deontológica e agravo ao professorado contrariado, zangado e revoltado. O caminho de tensão entre as partes, o Ministério da Educação e o corpo docente, tem vindo a descambar desde a raiz do mal, MLR (Maria de Lurdes Rodrigues & Sócrates), sendo

imperioso restabelecer a confiança, voltar a confiar nos professores, fatalidade-desconfiança que é preciso e necessário banir definitivamente, respeitando a liberdade intelectual docente, no exercício das melhores práticas, caso a caso, turma a turma, dia a dia, indo da aula expositiva ao universo digital, da palavra humana à tutoria tecnológica. Fazer fé educacional numa prática conciliatória de, e entre métodos, de metodologias que professores e educadores na sua liberdade-juízo e livre arbítrio achem por mais adequadas para o sucesso educativo dos seus alunos, sendo as aprendizagens o fiel da balança das boas e recomendáveis práxis (do grego, da união dialéctica entre a teoria e a prática; no sentido da teleologia, também do grego, de télos, que significa propósito ou fim, com vista aos fins, objectivos e destino final, que para o caso é o real e verdadeiro sucesso educativo dos alunos) e das práticas educativas.

A educação em Portugal tem vivido um caos dialéctico entre paradigmas e metodologias, entre o passado pedagógico-didáctico clássico, tradicional, e a mudança forçada, abrupta e maniqueica do presente, ignorando a política educacional vigente e em crescendo a mais valia da convergência, comunhão e simbiose do facto educativo futuro passar pela conjugação de passado-presente para o paradigma educativo escolar futurista.

A chave para o sucesso escolar da ensinância está em destrancar o ferrolho de facção-exclusão e, ao invés, a tutela ter e permitir a capacidade de articulação da escola clássica com a escola moderna de hoje, conjugando uma política educativa de união entre o tradicional e a inovação – o legado do futuro passado-presente em interacção educacional – a conexão que se impõe na contemporaneidade –

O ME (Ministério da Educação) ser capaz de ultrapassar o conceito de caos dialéctico educativo, significa ser capaz de implementar-plasmar uma política educativa de aceitação do passado histórico e identitário da escola e dos professores, actores proeminentes e ponte para a passagem e afirmação q.b. da inovação, sendo que o tempo e a mudança em educação-ensino têm o seu relógio-sombra. Onde, propomo-nos reflectir neste texto sobre a forma como podemos e devemos conjugar o ensino-aprendizagem, as técnicas e metodologias tradicionais com a inovação e o moderno; vamos explorar como o passado, presente e futuro interagem em contexto organizacional escolar.

A abordagem da escola-educação e ensino clássicos enfatiza o tradicional conhecimento disciplinar, compartimentado em áreas do conhecimento; de valorização da repetição e da memorização; de importância-foco nos conteúdos, objectivos gerais e específicos – Taxonomia de Bloom – estratégias e recursos materiais. De centralidade fulcral no professor, na autoridade do *magister dixit*, mestre do saber e da centralina da aula expositiva, centrada no docente e na palavra.

Quanto à educação moderna da escola-oficina contemporânea, prioriza «habilidades práticas» e um pseudo pensamento crítico; tem uma abordagem activa e experiencial da aprendizagem; o papel do professor esbate-se, passando de mestre e maestro da aula para «facilitador» das aprendizagens – confesso, aqui, a minha inca-confusão-dificuldade, por erro crasso meu, claro e óbvio – com o foco no(s) aluno(s) e na capacidade de/em adquirir «competências» que têm vindo a minguar, graças à escola invertida, de interpretação muito à frente, moderna e de descalabro cognitivo (aquisição, compreensão e aplicação de conhecimentos) – de evidente e comprovada regressão neuronal-sináptica –

Focando no caos dialéctico educacional, é minha-nossa ideia com este novo conceito (nova expressão, terminologia lexical educativa criada e de criação humana) afirmar que no panorama educativo nacional presente, a educação-ensino eficaz emerge, resulta da tensão criativa entre abordagens aparentemente opostas, que se digladiam, mas de cuja conexão pode resultar o caminho do ponto de viragem e equilíbrio que passa por elementos-chave como: aproximação e síntese entre tradição e inovação; liberdade de actuação docente (o que interessa são os resultados finais de sucesso real, verdadeiro e efectivo); adaptabilidade e flexibilidade do processo educativo (mente aberta); unir as antípodas modelares educativas, no princípio-pressuposto do reconhecimento da complexidade e não linearidade da aprendizagem; respeito e valorização da mais-valia das diferenças e das diferentes abordagens da docência, consignando como positiva a diversidade de métodos e perspectivas pedagógicas.

O enfoque na articulação entre a escola clássica e moderna, a junção conjugada do tradicional e do elemento inovador, passa na escola presente-futura pela integração de meios tecnológicos em métodos tradicionais (com naturalidade e justificação pedagógica, como vem acontecendo ao longo da História da Educação; sem ruído ministerial); com o uso de aplicativos para praticar a memorização (que muito erradamente tem vindo a ser descurada, sendo a palavra sempre e sempre o recurso maior); por exemplo, implementar «quizzes» online, questionários para a revisão de conteúdos, se o professor assim o entender; outro exemplo, combinar a leitura clássica com a análise crítica moderna, com discussão em contextos contemporâneos, com recurso-uso de técnicas de debate na exploração de ideias antigas (com total liberdade-opção do professor e da realidade factual discente em concreto); voltar de volta às aulas expositivas, mescladas e em alternância com palestras e actividades «hands-on», de «mão na massa», o aprender fazendo, tão caro à escola moderna; ir deixando morrer a modernice do «projecto» ou, no mínimo, aplicar-lhe(s), ao(s) projecto(s), conhecimento(s) teórico(s).

No cenário de interactividade proposto, de comunhão entre passado, presente e futuro, de «casamento» da escola tradicional com a escola ultra-digital de esmagamento sináptico e retrocesso intelectual, e de apatia mental discente em crescendo, valorizar a tradição, a escola do passado com provas dadas; reconhecer a positividade do conhecimento acumulado e das práticas pedagógicas de sucesso comprovado (manter); preservar os valores educacionais fundamentais, intemporais da escola: que passam pela qualidade e excelência do ensino educativo; pela ética deontológica e integridade profissional (a honestidade e moralidade costumada da profissionalidade docente); consciência cívica e responsabilidade social; inclusão e diversidade (respeitar o advento da multiculturalidade massificada); espírito de abertura em relação às novas ideias e metodologias de ensino-aprendizagem (quando ajuizadas); foco na integralidade educativa (académica, axiológica-valorativa, socializante e de integração social, física, e de atenção à emocionalidade jovem e adolescente; de colaboração-respeito entre a escola e a comunidade educativa; de mais-valia do raciocínio-pensamento crítico; de afirmação e plenitude do primado do Homem sobre a máquina.

Piscando o olho ao factor tecno-inovador de programas, plataformas e aplicações computacionais, incorporar q.b. as tecnologias emergentes em sala de aula, dentro do critério-escolha d@ professor@ e da dinâmica docência-discência, da realidade única turma a turma; com focagem e adaptabilidade ao mercado de trabalho, tendo o discernimento de perceber a diferença em, e entre, preparação-capacitação geral escolar, de cultura geral para a vida, e de preparação profissional para o mundo laboral; numa perspectiva de abordagem adaptativa às questões sociais-colectivas, sociológicas (de âmbito-padrão das interacções sociais e culturais, de estudo empírico e análise crítica sobre a ordem social, de aceitação, rejeição, evolução ou mudança) e sócio laboral do nosso tempo; e por favor, banir o papel não, nunca – obrigado –

As estratégias para a implementação do novo e da novidade, numa organização que é por natureza conservadora, apesar da pesquisa e inovação, passam por sensibilizar e formar os futuros professores na dualidade metodológica do tradicional e do moderno (e em respeitar os que cá estão, que vão estando); passa pela criação de currículos de abertura e flexibilidade (e já agora, de encurtamento programático) que permitam a integração de diferentes abordagens, de conciliação do clássico e do contemporâneo, em vista ao «contorcionismo pedagógico», tantas e tantas vezes de «projectões» e soluções forçadas para a fotografia-relatório do *exitus* do *educare*; balizado pela avaliação e ajustamento das práticas educativas; experimentação, discussão e adopção das melhores práticas pedagógicas, sendo que «melhor» significa o sucesso cabal, e não mistificado (de burla e leitura ludibriada) das aprendizagens dos alunos – que podem ajudar e muito, estudando; mas

estudar dá trabalho, eis o dilema-problema insanável – menos telemóvel e redes sociais, e mais trabalho escolar e de casa; fica o alerta para as famílias. Outro alerta que deixamos, é que estamos no limiar de um retrocesso civilizacional. E ainda outro alerta, é que erradamente erramos com o «endeusamento» da IA, futura caixa de Pandora, uma metáfora para o mundo de hoje – disse –

A escola lusitana encontra-se numa encruzilhada de desafios, considerações e formação entre o tradicional e o moderno, o passado e o presente, num vislumbre-deslumbramento do futuro de uma escola que vai resvalando-falhando na sua missão maior que é a do conhecimento, ferramenta inviolável e intransmissível da construção da pessoa humana, enquanto Eu-sujeito situado e preparado para a cidadania, o trabalho e a vida em sociedade; com questionamento pensante, capacidade crítica e criticismo social interventivo.

Donde, ser necessário um discurso político e uma política educacional de «evidências» de conciliação, diálogo, proposição e negociação, e não de afrontamento; de integração institucional e não de resistência e ostensiva agressão e desrespeito deontológico aos professores e educadores lusos (como foi apanágio socialista; ao contrário, o XXIV Governo Constitucional da República, liderado por Luís Montenegro, e o Sr. ministro com a pasta da Educação, Fernando Alexandre, têm dado sinais de abertura e boa fé; a ver vamos com a revisão do Estatuto da Carreira Docente, ECD); ponderar, equilibrar e sobrevalorizar a palavra humana docente enquanto autoridade máxima na sala de aula – a talhe de foice, comparando a exigência e parafernália tecnocrática do ensino no básico e no secundário com o ensino superior, o exemplo passa pela palavra lida slide a slide do «PowerPoint» – isto para ilustrar o inferno-perda de tempo desnecessário em «motivação», sendo o tempo útil de aula, mínimo. Donde, a tutela dever fazer *mea culpa* e emendar a mão, reconhecendo erros e excessos-tiques de autoritarismo de um passado recente, arrepiando estrada e erros de palmatória. De sublinhar a particular atenção ao envelhecimento-obsolescência dos equipamentos tecnológicos, da mercantilização da educação, e «da festa» da/do parque escolar cujas obras-degradação não parecem, alegadamente, mostrar grande resiliência.

Mais, a dinâmica confrontacional do caos dialéctico educacional, obriga a uma gestão escolar de proximidade e empatia, com directores protectores e não de directores-verdugo; obriga a menos palco para os pais, encarregados de educação e associações de pais, no sentido de minorar-minimizar as interferências, presenças-escola e pressões inadmissíveis; obriga a mais professor e menos tecnologia (de momento, em desequilíbrio docente), no sentido de uma supremacia do factor humano e axiológico, com o propósito de uma síntese entre o clássico e o moderno, com os alunos a beneficiarem da sabedoria-conhecimento(s) da escola humana, tradicional, e de engajamento

tecnológico com a realidade presente da instituição escolar, em adaptação-resposta, numa perspectiva de educação-ensino-aprendizagem sócio-psico-pedagógica holística, e num ambiente-contexto escolar hedonístico para todos os actores, sem lugar a figurantes (actual papel dos professores e educadores portugueses, nesta escola em formatação disfuncional, disruptiva, de descaracterização e identidade violentada-negada), com alunos e professores figuras maiores do processo educativo, em sintonia, depois de feita a catarse sistémica, em nome e em prol da qualidade educacional da escola pública portuguesa.

O autor escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Carlos Calixto